

Anotar e prefaciar a obra do “mestre”: reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu

Annotate and preface the “master’s” work: reflexion about Capistrano de Abreu by José Honório Rodrigues

Ítala Byanca Morais da Silva

Mestre

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Técnica

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

itala.2sr@iphan.gov.br

Avenida Governador José Malcher, 563 - Nazaré

Belém - PA

66035-100

Brasil

Resumo

O historiador Capistrano de Abreu (1853-1927) foi objeto de práticas deliberadas de construção da memória. A criação da Sociedade Capistrano de Abreu (1927-1969) foi a materialização das aspirações dos “discípulos”, amigos e pares de Capistrano de Abreu em torná-lo uma personagem memorável para a história da inteligência brasileira. Em seus últimos anos de atividade, essa Sociedade foi dirigida pelo historiador José Honório Rodrigues. Este artigo tem o objetivo de discutir as representações construídas sobre Capistrano de Abreu por José Honório Rodrigues, quando este era o representante oficial do culto institucional à sua memória.

83

Palavras-chave

Historiografia; Capistrano de Abreu; José Honório Rodrigues.

Abstract

The Brazilian historian Capistrano de Abreu (1853-1927) was object of deliberate practices of building memories. The creation of Capistrano de Abreu Society (1927-1969) represented the materialization of his disciples; friends and colleagues desire to transform the historian into an outstanding representative for the Brazilian intellectual history. In his last years of activities the Society was directed by the historian José Honório Rodrigues. This article discuss José Honório Rodrigues representations about Capistrano de Abreu when he was the official representative of the institutional tribute to Capistrano’s memory.

Keyword

Historiography; Capistrano de Abreu; José Honório Rodrigues.

Enviado em: 04/08/2009

Aprovado em: 24/08/2009

Em 11 de setembro de 1927, foi criada na cidade do Rio de Janeiro a Sociedade Capistrano de Abreu, instituição com o fim deliberado de “preservar” a memória do recém-falecido historiador Capistrano de Abreu. A Sociedade manteve suas atividades por 42 anos e por ela passaram significativos representantes do campo letrado nacional e estrangeiro, como Mário de Andrade, Manuel Bonfim, Assis Chateaubriand, Câmara Cascudo, Franz Boas, Paul Rivet e H. G. Wells. Nessas quatro décadas, a instituição possuiu como dirigentes mais significativos e cujas ações foram mais incisivas na construção da memória de Capistrano de Abreu, os historiadores Paulo Prado, Rodolfo Garcia e José Honório Rodrigues. Pretendemos, neste texto, discutir alguns aspectos pertinentes à construção da memória de Capistrano de Abreu¹ pelo historiador José Honório Rodrigues, tendo como fontes a produção historiográfica deste e o acervo da Sociedade Capistrano de Abreu depositado no Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).²

I.

Certamente a anotação é um trabalho que revela modéstia, humanidade, renúncia, mostrando-se o autor capaz de sacrificar seu tempo, seu esforço e faculdade pelo aperfeiçoamento de obra já realizada por outro. Esta não foi a lição de Varnhagen, que sempre foi soberbo e orgulhoso, mas de quem se assinava “João Ninguém” e o maior historiador que o Brasil já possuiu. (RODRIGUES, 1953, p.3)

Com essa afirmação, José Honório Rodrigues definiu as anotações realizadas por Capistrano de Abreu à obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, uma lição de humildade, como se o trabalho do prefaciador ou anotador de textos não conferisse identidade e reconhecimento no campo letrado. Seria este um ato quase beneficente para Rodrigues. Contudo, as anotações e os prefácios conferem posições nas disputas do mundo das letras e estes campos extratextuais representam um lugar social (NOIRIEL 1995; ARAÚJO 1998). Não por acaso, nas biografias de Capistrano de Abreu o seu papel de anotador e prefaciador é constantemente retomado, delegando um capital simbólico a esses trabalhos, condição da qual a própria afirmação de José Honório Rodrigues foi resultado.³

84

¹ A memória de Capistrano de Abreu na historiografia brasileira tem suscitado um número representativo de ensaios e pesquisas de pós-graduação, são exemplos: (GOMES, 1996; RAMOS, 2004; GONTIJO, 2006; GUIMARÃES, 2006; SILVA, 2008).

² Entre 2004 e 2006, trabalhei como bolsista de iniciação científica (CNPq) no projeto de organização do acervo de Capistrano de Abreu e da Sociedade Capistrano de Abreu depositado no Instituto do Ceará, sob a coordenação dos professores Giselle Martins Venancio, Gisafran Mota Jucá e Manoel Luiz Salgado Guimarães. O trabalho no arquivo acabou por contribuir com o desenvolvimento de minha dissertação de mestrado, como o título, *Les morts vont vite: a Sociedade Capistrano de Abreu e a construção da memória de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969)*, defendida em 2008, no Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Luiz Salgado Guimarães e com o financiamento da CAPES.

³ Para uma análise das biografias de Capistrano de Abreu, ver: GONTIJO 2006.

O próprio José Honório Rodrigues foi receptor de um capital dessa natureza. Ele foi organizador, anotador e prefaciador de todas as edições da obra de Capistrano de Abreu posteriores a 1954, com exceção da edição dos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* realizada em 1960, e das duas últimas publicações da Sociedade Capistrano de Abreu, a 2ª edição da 3ª série dos *Ensaio e Estudos* e dos *Capítulos de História Colonial*, publicadas em 1969. Como dirigente da Sociedade Capistrano de Abreu/SCA, José Honório Rodrigues acabou substituindo-a no papel de editora da obra de Capistrano de Abreu após o término das atividades da instituição em 1969.⁴

José Honório Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro em 20 de setembro de 1913 e formou-se em direito na Faculdade do Largo de São Francisco em 1937, recebendo, no mesmo ano, o prêmio de erudição da Academia Brasileira de Letras pela pesquisa realizada ao lado de Joaquim Ribeiro sobre a invasão holandesa no período colonial (RODRIGUES e RIBEIRO 1940; RODRIGUES 1949). A partir de 1939, passou a trabalhar no Instituto Nacional do Livro ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, permanecendo nessa instituição até 1944 (IGLÉSIAS 1988). Essa era a posição ocupada por José Honório no campo letrado no momento da sua admissão no quadro social da SCA, em 1939. Contudo, acreditamos que a sua admissão decorreu não apenas de seu capital simbólico acumulado, mas também da resenha crítica sobre Capistrano de Abreu publicada pelo autor na Revista do Brasil em março de 1939 (RODRIGUES 1939).

85

A escrita do artigo na Revista do Brasil foi apenas o primeiro encontro de José Honório Rodrigues com a obra de Capistrano de Abreu. A produção historiográfica de José Honório foi vasta e perpassou vários canteiros da História e a presença de Capistrano foi constante.⁵ As observações de Capistrano de Abreu sobre algum momento político ou obra historiográfica eram utilizadas por José Honório com frequência, normalmente, para justificar e reforçar alguma perspectiva do próprio autor. Alguns fragmentos da *Teoria da História do Brasil* são representativos, "A história é um estudo empírico, no sentido de que não é um aglomerado não interpretado de símbolos, sem referência à experiência. Daí representar a intuição ou a adivinhação de que falava Capistrano de Abreu, um papel importante" (RODRIGUES, 1978 a, p. 133), ou, "Como disse Capistrano de Abreu, Varnhagen soube escavar documentos, demonstrar-lhes a autenticidade, solver enigmas, desvendar mistérios, revelar uma multidão de fatos" (RODRIGUES 1978 a, p. 136).

José Honório Rodrigues teve uma vida dedicada à História, e porque não dizer, também dedicada à obra de Capistrano de Abreu. A dedicação concedida ao historiador compreendeu uma parte relevante do seu projeto de vida "historiográfico": a constituição do campo dos estudos teórico-metodológicos e da pesquisa histórica no Brasil. Com esse objetivo José Honório constituiu um

⁴ Sobre a edição da obra de Capistrano de Abreu, cf. AMED 2000 e SILVA 2008.

⁵ Francisco Iglesias realizou uma classificação temática da produção de José Honório Rodrigues em cinco grupos: teoria, metodologia e historiografia; história de temas; ensaios historiográficos; obras de referência; edições de textos (IGLÉSIAS 1988).

plano de trabalho, que correspondeu à publicação de três livros, dedicados, respectivamente, à Teoria da História, à pesquisa histórica no Brasil e à História da História do Brasil. O objetivo maior que perpassou esse projeto era perceber todos os meandros que acompanhavam a produção do texto histórico no Brasil, desde a pesquisa de fontes até as perspectivas teóricas, ou como afirmou José Honório, as perspectivas ideológicas que compunham a narrativa, oferecendo aos estudantes dos cursos de Filosofia e posteriormente de História manuais sobre a historiografia brasileira.⁶

Diante do exposto, cabe indagar sobre o papel ocupado por Capistrano de Abreu nesse projeto de José Honório Rodrigues, para assim percebermos como a dedicação do historiador à obra de Capistrano de Abreu contribuiu para a concretização de seus planos de pesquisa e de consolidação do campo dos estudos históricos no Brasil, o que justificaria o desvelo concedido por José Honório às atividades da Sociedade Capistrano de Abreu. A relação peculiar que José Honório estabeleceu com a obra de Capistrano de Abreu foi ressaltada por vários pesquisadores, podendo ser destacados Francisco Iglésias, Astor Diehl e Rebeca Gontijo (DIEHL, 1999; IGLÉSIAS, 1988; GONTIJO, 2006). Relação bem sintetizada por Ana Luiza Marques: “José Honório não é dos mais coerentes em suas citações, com exceção da admiração inabalável por Capistrano de Abreu, a maioria dos historiadores que estudou foi vítima dos refluxos de seu humor” (MARQUES, 2000, p.24).

86

II.

Quando em parágrafo anterior afirmamos que José Honório Rodrigues dedicou a sua vida à História, não afirmávamos apenas a dedicação cotidiana do historiador ao seu ofício, mas também ao próprio significado que a história possuía para ele. Para José Honório a história era a representação da vida. Segundo o autor:

Deus não é dos mortos, mas dos vivos, porque, para ele, todos são vivos. A história também não é dos mortos, mas dos vivos, pois ela é a realidade presente, obrigatória para a consciência, frutífera para a experiência. A vida e a realidade são história, gerando passado e futuro. Assim, todo o movimento da consciência, toda a pulsação vital do espírito é história, no duplo sentido de *res gestae* e *historia rerum gestarum*, segundo a lição de Croce. Por isso a historiografia está sempre na dependência da história (RODRIGUES 1978a, p. 27).

Na história estaria o princípio ativo da vida, e diante desse entendimento foi conferido à história, como narrativa, e ao historiador, como produtor desse discurso particular, papéis decisivos e ativos no devir da sociedade. A História e o historiador teriam uma missão política a cumprir. Como a “historiografia está sempre na dependência da história”, José Honório entende que o presente do

⁶ Estudo referencial sobre a obra de José Honório Rodrigues foi a pesquisa desenvolvida por Raquel Glezer. (GLEZER 1976).

historiador é o principal motivador da narrativa historiográfica e que, por isso, todo o discurso histórico deve ser passível de análise, pois, somente através desse processo de depuração do texto histórico é que se poderia chegar ao passado bem como ao presente, pois, o texto histórico seria tanto uma narrativa sobre o passado como sobre o presente de quem narra.⁷ Nesse sentido, segundo o autor:

A historiografia é verdadeiramente um espelho onde se refletem os problemas da própria nação e da humanidade. Neste sentido, as revisões históricas não nascem das noções históricas concretas, mas da análise e da crítica dos elementos ideológicos determinativos. É um realismo ingênuo acreditar que se possa conhecer o objeto histórico em si próprio como uma fotografia. A realidade histórica é uma pintura que depende da perspectiva do historiador. Mas "o historiador só pode ver o fato através de si mesmo", como homem do seu século, comparando com o tempo em que vive. Sem fatos não há história, mas sem historiador os fatos não têm sentido, e como o historiador é homem de certa época, e muda, com ele muda a história (RODRIGUES, 1978 a, p. 28).

Nesse jogo de tensões entre o passado e o presente da sociedade, é que se realiza a ruptura com o futuro. O autor aponta o fim da Segunda Grande Guerra como o momento instaurador de uma nova ordem, na qual a Europa cada vez mais se distanciava dos debates políticos e na qual outras realidades históricas como a americana, a soviética, e a dos países asiáticos, africanos e latino-americanos apareciam como desconhecidas tanto para os profissionais da História quanto para a população de uma forma geral. A realidade contemporânea colocava novos desafios ao historiador, no qual o principal seria compreender um mundo em que a Europa não possuísse um papel preponderante.⁸

Diante dessas mudanças, o autor observou como a historiografia brasileira estava despreparada para encarar estes desafios em dois aspectos. O primeiro deles era a negativa em perceber que o presente demandava que os estudos históricos nacionais se desviassem para questões que pudessem colaborar com entendimento dos problemas políticos atuais. O segundo aspecto seria a persistência de uma historiografia que corroborava a "personalidade básica portuguesa" e a "sociedade rural". Segundo o autor:

A historiografia brasileira, expressão de sua história, representava até há pouco, e ainda representa em significativa proporção, a sociedade velha e arcaica, a que se referiam Pierre Denis e Jacques Lambert, e por isso se dedicava tão esmagadoramente à história colonial, expressão do seu apego às tradições e à cultura luso-brasileira, forma de concepção histórico-filosófica de sua personalidade básica e de seu caráter social. O Brasil arcaico é o Brasil rural, com 54,92% de sua total população, ao contrário de uma sociedade nova, muito mais evoluída e com muito maior estabilidade

⁷ José Honório Rodrigues estabeleceu em sua obra um diálogo constante com Arnold Toynbee e Benedetto Croce, aspecto que fortaleceu a perspectiva presentista na sua produção. (GLEZER, 1976; MARQUES, 2000; CROCE, 1973; TOYNBEE, 1978).

⁸ Sobre as transformações da historiografia no pós-guerra ver Capítulo 1 "Os problemas da história e as tarefas do historiador" (RODRIGUES, 1978 a, p. 27-44).

que domina de modo geral o Estado de São Paulo e o extremo sul, mas que no resto do país é sobretudo uma sociedade urbana (RODRIGUES, 1978 a, p. 32).

Retomando a perspectiva de uma História pragmática e comprometida com o presente, José Honório apresenta a nova realidade brasileira, na qual o historiador deveria responder à emergência de um Brasil urbano. Assim, a historiografia brasileira deveria atender as demandas desse Brasil moderno. Diante desse duplo descompasso externo e interno, ou seja, de uma historiografia que não respondia a pendência quanto à nova geopolítica do pós-guerra e nem a compreensão contemporânea da nação, José Honório insere a questão da identidade nacional como forma de reparar essa lacuna historiográfica brasileira. Pois, buscando a identidade da nação, o historiador brasileiro poderia oferecer um perfil para o Brasil dentro na nova ordem mundial, bem como oferecer o entendimento do nacional para os próprios brasileiros, que, segundo o autor, sempre foram alijados do processo de construção histórica do nacional, tanto por não fazerem parte da narrativa, como por não compartilharem dos seus resultados simbólicos.⁹ Assim, questiona o autor:

Que fazemos nós, historiadores, para esclarecer as razões do nosso caminho nacional e internacional em busca do poder e do respeito internacionais? Que fazemos nós, historiadores, para reconhecer e esclarecer os climas especiais de opinião, as características de certas épocas e lugares, o caráter de nossa cultura, a personalidade básica de nosso povo, seus traços especificamente nacionais? (RODRIGUES, 1978 a, p. 43).

88

José Honório creditava à História e ao historiador um papel político a ser cumprido, arriscamos a definir a História para o autor como missionária. O “historiador missionário” não poderia exercer a sua prática de uma maneira aleatória. A escrita da História, dada a sua importância social, deveria ser exercida por profissionais especializados. Dessa forma, José Honório Rodrigues detecta mais um problema da historiografia no Brasil, a necessária profissionalização do historiador e o maior aprofundamento das questões referentes à metodologia, teoria e pesquisa históricas (MARQUES, 2000; GONTIJO, 2006).

Nessa vida dedicada à História, José Honório Rodrigues propôs inúmeros projetos que buscaram viabilizar esse reconhecimento social do profissional historiador, como a Comissão Nacional de História¹⁰ e o Instituto Nacional de Pesquisa

⁹ José Honório Rodrigues atribui esse distanciamento entre a história e o “povo” como decorrente de uma história política que tenderia a reduzir o social às “atividades de políticos, de personalidades influentes, como expressão de classes superiores e de minorias dirigentes”. (RODRIGUES, 1978 a, p. 212).

¹⁰ Por volta de 1954, José Honório Rodrigues passa a se dedicar à criação da Comissão Nacional de História. Durante o Congresso Comemorativo do Tricentenário da Restauração Pernambucana, o historiador conseguiu reunir um grupo relevante de adeptos ao projeto e posteriormente ampliar o número de participantes no IV Centenário da Fundação de São Paulo. No documento indicativo saído das discussões do congresso em Recife foram definidos os principais aspectos da comissão: “A Comissão Nacional não faz concorrência aos Institutos Históricos Brasileiros, pois seu objetivo é unir os historiadores e estudiosos de história brasileira. A tarefa mais importante desta Comissão é filiar em todo país, através de Seções Estaduais, os historiadores e estudiosos da história, independente de títulos acadêmicos ou honoríficos, para verificar os progressos realizados pela ciência história e promover os

Histórica,¹¹ intenções que não alcançaram seus objetivos. Contudo, a sua maior contribuição foi o projeto editorial sobre historiografia brasileira. É na execução desse projeto que o autor se dedica de uma forma mais aprofundada à figura de Capistrano de Abreu.

Como uma forma de sistematizar as representações construídas por José Honório Rodrigues a respeito de Capistrano nesses trabalhos utilizaremos os três pilares estabelecidos pelo autor sobre a escrita da História: teoria, pesquisa e historiografia. Iniciaremos pela teoria, pois como o autor afirmou, “o plano, o sentido, as forças e os poderes impulsionadores, suas possibilidades e pressupostos só se compreendem na relação mútua, funcional e dependente do fato ou texto com a teoria interpretativa”. (RODRIGUES, 1978 a, p. 17).

Para José Honório, toda História é fruto do presente. O historiador ao voltar-se ao passado procura fatos, personagens e processos que interessam a sua contemporaneidade. Dessa forma, toda narrativa histórica seria comprometida com algo que lhe é exterior, o social. A teoria da História para o autor seria “aquilo que trata de princípios conceituais que precedem, guiam e acompanham a técnica da pesquisa e o processo crítico na história geral ou nacional”. (RODRIGUES, 1978 a, p. 16). Ou seja, o processo de escrita da História se inicia antes mesmo da pesquisa das fontes, através do *presentismo* que guia desde a escolha do objeto de estudo, a seleção e crítica dos fatos pelo historiador, bem como, as conexões realizadas entre os fatos para construir a narrativa.

José Honório então verifica o quanto a historiografia brasileira foi tributária de uma teoria da história “passadista” e “conservadora”, cujo maior representante foi Francisco Adolfo de Varnhagen, e que esta não correspondia mais com as demandas presentes na segunda metade do século XX. Na verdade, o que mais afligia o autor não era a existência no passado desse passadismo e conservadorismo, mas o quanto esses fatores ainda estavam presentes na historiografia brasileira. Segundo Astor Diehl,

O autor, já no final da década de 1950, alertava que a historiografia brasileira passaria por uma crise, que segundo ele, se apresentava pela falta de sintonia entre as correntes de pensamento e a própria vida social. No entanto, constatamos que não era uma crise momentânea, mas, sim, uma crise de permanência de um pensamento histórico antiquário e revisionista, factual e não ideológico, que tinha suas raízes no Brasil arcaico. Esse Brasil arcaico seria o fator que estaria perpetuando a discrepância entre a pesquisa histórica e seus resultados relacionados com as necessidades sociais da

métodos da organização das pesquisas e do ensino, e batalhar pela criação de instituições necessárias ou pela melhoria das existentes em todo o território nacional. A Comissão congrega e reúne, não distingue e nem premia. A comissão une os historiadores brasileiros, membros ou não de Institutos Históricos, numa rede de cooperação mútua e assistência recíproca”.

¹¹ O Instituto Nacional de Pesquisa Histórica tinha o objetivo “promover e estimular a pesquisa histórica oficial e pública no Brasil e no estrangeiro, planejando a organização dos instrumentos do trabalho histórico, inventariando e reproduzindo os papéis históricos do Brasil e relativos ao Brasil, existentes no estrangeiro, e preparando a formação profissional de historiadores e pesquisadores de história”. Mais do que a coleta de documentos, o plano de criação do Instituto tinha como finalidade transformar o Estado em um fomentador de pesquisas históricas, pois a sua criação era, segundo Rodrigues, “uma necessidade da consciência nacional”. (RODRIGUES, 1982, p. 239).

época. Nessa perspectiva, o autor parte para a idéia de que o passado deve ser reconstruído com base na complexidade social-histórica presente, ou seja, o interesse histórico pelo passado deve apresentar-se como resultado e prolongamento das perspectivas presentistas. (DIEHL, 1999, p. 222)

A partir desse momento a produção historiográfica de Capistrano de Abreu passou a ser constantemente retomada por José Honório Rodrigues, tornando-se aquele autor a referência de vários aspectos da postura profissional dos historiadores, os quais José Honório pretendia que se generalizassem nos estudos históricos nacionais. Como apresentou Rebeca Gontijo, o “presentismo” na produção de José Honório foi um fator determinante para a admiração do historiador por Capistrano de Abreu, mas, como veremos, esse processo não se restringiu apenas a este aspecto, possuindo outros desdobramentos na produção historiográfica do autor (GONTIJO, 2006).

Capistrano de Abreu personificou para José Honório Rodrigues a imagem do historiador ideal. Como afirmamos, o autor buscava consolidar a profissão do historiador e estabelecer para a crítica historiográfica um campo legítimo de estudos. Nesse mesmo contexto, podemos perceber um movimento semelhante no campo dos estudos literários, no qual Antonio Cândido realizava esse exercício de organização de autores e obras para a literatura brasileira. (BAPTISTA, 2005). O projeto de Cândido e o de José Honório possuíam em comum a necessidade de estabelecer um conjunto de obras de referência para suas respectivas disciplinas, bem como, reafirmar as perspectivas nacionalistas, ou seja, seria na narrativa sobre o nacional que se fundaria um discurso tipicamente brasileiro. Outro aspecto importante foi o diálogo estabelecido por José Honório com a crítica literária. O projeto do autor de definir os textos representativos da historiografia brasileira também foi uma ação que buscava retirar estes escritos da análise exclusivamente estética, o que muitas vezes proporcionava uma visão dos textos de cronistas e viajantes coloniais como de pouco valor. Assim, José Honório pretendia apontar que estes trabalhos possuíam um valor para além do estilo da narrativa e que somente a análise historiográfica poderia definir o seu real valor, sendo Capistrano de Abreu um dos primeiros autores a separar a análise estética e literária da crítica histórica. Segundo José Honório:

A obra histórica deve ver-se e examinar-se como obra histórica, por seu valor intrínseco, como contribuição ao desenvolvimento de nossa disciplina. O critério literário e formal não é aqui o definitivo [...] Assim, pois, o estudo da historiografia representa um esforço para cortar os laços entre nossa disciplina e a história literária. (RODRIGUES, 1963, p. 9)

Capistrano de Abreu foi identificado por José Honório como o precursor de uma “historiografia nova”, destacando-se por ter se apoiado em questões teóricas de outros campos das ciências humanas como a sociologia, psicologia e economia, e por substituir um passado colonial gerador de conservadorismo por um passado nacional. Segundo Honório Rodrigues,

É especialmente com Capistrano de Abreu que se inicia a historiografia nova, expressão do Brasil novo, pois ao escrever *Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil* (1899), tema colonial ainda, ele rejeita a ênfase sobre as origens européias e as relações européias. Seu tema é integralmente nacional, pois convidava os historiadores brasileiros a não centralizar o seu interesse nas comunidades do litoral, mas no interior, no próprio Brasil arcaico, é verdade, mas nas origens autônomas do Brasil novo: as minas, as bandeiras, os caminhos. A rejeição colonial está implícita no próprio tema colonial. (RODRIGUES, 1963, p. 34)

Podemos imaginar o quanto era significativo para José Honório Rodrigues verificar que um intelectual do século XIX, mais especificamente, um historiador, escrevia e pesquisava motivado pelo questionamento sobre ser o brasileiro um povo em “dissolução” ou em “formação”, e que concluiu seu principal livro anunciando que após 300 anos do início da colonização portuguesa, o brasileiro ainda não existia como unidade, não constituindo uma identidade unívoca para a nação (ABREU, 1976, p. 189-213). Assim, prossegue o autor:

Mas é a sua orientação para a historiografia nova que nos interessa agora. Ele a enriqueceu, graças à sua formação, de novos conceitos: o de cultura substitui o de raça, seus estudos indígenas são atuais e renovam nossa etnografia; a importância da história social e dos costumes aparece pela primeira vez nos *Capítulos*; e o próprio sistema da casa-grande e senzala e sua importância no Nordeste viu-o pela primeira vez em 1910. (RODRIGUES, 1963, p. 34)

91

O aparato teórico que José Honório identificava em Capistrano de Abreu levava este último a contribuir para outro aspecto da constituição da escrita da História: a narrativa. Como já foi apontado anteriormente, José Honório observava no historiador uma peça fundamental na construção do discurso histórico. Ana Luiza Marques afirma que o sistema teórico-metodológico de José Honório era constituído por um “híbrido teórico-prático” entre presentismo e positivismo (MARQUES, 2000). Ou seja, José Honório acreditava na positividade da pesquisa histórica de recuperar o passado, contudo, esse passado só apresentaria sentido e significação na interpretação do historiador.

José Honório passa então a tramar uma oposição entre Capistrano de Abreu e Francisco Adolfo de Varnhagen. O autor reconhecia com freqüência às contribuições do Visconde de Porto Seguro à historiografia, principalmente na descoberta de fontes e na crítica documental, contudo, observava que a História não poderia limitar-se à exposição dos “fatos”, pois o verdadeiro trabalho do historiador estaria em realizar “a interconexão processual, ou seja, descobrir os fatos e mostrar suas relações, processo simultâneo.”¹² Para José Honório, Capistrano teria sido o primeiro a realizar este trabalho, e se ampara em uma

¹² Outros trechos também são ilustrativos: “A fide ou infidedignidade das fontes é um problema de primeira instância, mas, no final, na hora do julgamento e da avaliação, o historiador, como o juiz, para chegar à convicção tem sua liberdade de interpretação” [...] “Deste modo, a narrativa é objetiva e subjetivamente verdadeira, isto é, a realidade do passado é objetivamente estabelecida pelas fontes, mas subjetivamente interpretada pelo historiador” (RODRIGUES, 1963, p. 109).

afirmação do próprio Capistrano sobre Varnhagen para chegar a essa conclusão:

Como disse Capistrano de Abreu, Varnhagen soube escavar documentos, demonstrar-lhes a autenticidade, solver enigmas, desvendar mistérios, revelar uma multidão de fatos. Compreender, porém, tais fatos em suas origens, em sua ligação com outros mais amplos e radicais de que dimanam, generalizar as ações e formular-lhes a teoria, não conseguiu e nem conseguiu-ia. Foi essa incapacidade teórica de Varnhagen que o impossibilitou de realizar, na obra mais completa da historiografia brasileira, uma bem planejada e bem arquitetada divisão de períodos. (RODRIGUES, 1963, p. 133)

A teoria era considerada por José Honório o principal componente dos discursos históricos, afinal, ela seria a responsável pela construção da narrativa. Somente com ela poderia ser realizada a interpretação dos fatos e a organização dos mesmos em um todo coerente. Assim, prossegue José Honório:

Não será exagero dizer que Capistrano de Abreu soube, com essas poucas páginas (*Informações e fragmentos históricos do Padre José de Anchieta*), elevar-se realmente a altura ainda não atingida por nenhum historiador brasileiro. É aqui, então, que ele anota a deficiência fundamental de Varnhagen, sua falta de percepção filosófica. E é aqui, ao adotar estas grandes censuras, ao caracterizá-las e ligá-las, que ele mostra o elemento propriamente filosófico da história do Brasil e demonstra sua penetrante capacidade teórica, que o distingue de qualquer pedante, de qualquer rato ou burocrata da história para elevá-lo ao nível de um verdadeiro historiador [...] Mas não é só nos fundamentos sócio-econômicos ou nos subfundamentos naturais e antropológicos que ele vai buscar a categoria histórica de um período. É também – e aí toda grandeza lógica de suas seções temporais – nos fins, nas regras da vida, nos sentimentos e ideais de cada círculo que ele busca as fronteiras de sua época. (RODRIGUES, 1963, p. 136)

92

Proeminente na teoria e na construção da narrativa, Capistrano de Abreu também diferenciava-se dos demais no último aspecto referente ao ofício do historiador: a pesquisa. Apesar do relevo concedido à teoria e a interpretação dos fatos, José Honório Rodrigues acreditava na positividade do passado e na sua recuperação através da pesquisa. Segundo José Honório, “a pesquisa histórica é a descoberta cuidadosa, exaustiva e dirigente de novos fatos históricos, a busca crítica da documentação que prove a existência dos mesmos, permita sua incorporação ao escrito histórico ou a revisão e interpretação nova da história”. (RODRIGUES 1982, p. 21)

Consciente do papel determinante da História nos processos sociais, José Honório definia o Estado como o principal interessado na profissionalização do historiador, pois a pesquisa histórica deveria ser entendida como um serviço de utilidade pública. Assim, seria atribuição do Estado a coleta e o arquivamento de documentos públicos e privados, a garantia de acesso a qualquer cidadão dos documentos de interesse nacional, bem como o investimento em pesquisas e na formação de um profissional especializado, o historiador, e a sua inclusão no quadro funcional do próprio Estado. No livro *A Pesquisa histórica no Brasil*, o autor apresentou o seu plano de criação do Instituto Nacional de Pesquisa Histórica,

instituição que deveria construir um novo panorama da pesquisa histórica para a República.

O autor atribui ao governo imperial o mérito de ter incentivado a pesquisa histórica nacional, inclusive com missões no exterior e a fundação do IHGB, em oposição à República, que não apresentou nenhum investimento significativo. Apresentando as várias comissões imperiais dedicadas à pesquisa de fontes, José Honório mostra todo um panorama favorável aos estudos históricos e descreve o período republicano como o responsável pelo aumento das pesquisas privadas, visto que, o Estado não mais oferecia recursos. (RODRIGUES, 1982, p. 37-118) É dentro dessa nova ambiência que José Honório destaca a figura de Capistrano de Abreu como pesquisador. Segundo o autor, os historiadores da República:

[...] necessitados de novas fontes ou simplesmente de peças referidas por Varnhagen, mas nunca obtidas em cópias integrais, ou ainda desconfiados das cópias extraídas por investigadores desprevenidos, viam-se obrigados a recorrer aos seus próprios amigos na Europa ou a pagar com seus próprios meios as pesquisas. Deixou de haver qualquer interesse de busca e reprodução de fontes. A historiografia brasileira, de acordo com a opinião oficial, não precisava mais de investigações no estrangeiro. O que fora feito era suficiente. Deste modo, qualquer estudioso brasileiro, verdadeiramente consciente dos problemas, dúvidas e questões que afloram no campo da investigação histórica, cuidava de realizar, pelo seu próprio esforço e as suas custas, o que fosse necessário. É o caso de Capistrano de Abreu [...]. (RODRIGUES, 1982, p. 93)

93

Capistrano de Abreu é tomado como referência por José Honório Rodrigues não apenas por suas capacidades intelectuais, mas também por uma postura exemplar de pesquisador. São ressaltados o empenho com que Capistrano de Abreu realizava suas pesquisas e o quanto estas lhe eram dispendiosas. Segundo José Honório, "ele dirigia daqui pesquisas na Europa, instava por exames, inquiria amigos, consultava arquivistas, especialmente os portugueses e espanhóis". Também foram destacados os trabalhos de Capistrano de Abreu como anotador, tradutor e como especialista na crítica de textos e edição de documentos históricos.

Contudo, o aspecto de maior relevância apontado por Rodrigues nas pesquisas de Capistrano foi o seu empenho em divulgar as fontes históricas, independente delas serem ou não utilizadas em seus trabalhos. Pois, sendo a pesquisa histórica para José Honório um serviço de utilidade pública, a guarda ou a sonegação de documentos e informações seria um erro grave cometido pelo pesquisador. Assim, José Honório repreende a postura de alguns historiadores como Alberto Rangel, Alberto Lamego e Tobias Monteiro por estes divulgarem documentos apenas em seus textos e pouco oferecendo documentos para os usos públicos, por isso, segundo José Honório, "pouco contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, no sentido que a definimos aqui: de conquista e reprodução de documentos para o uso dos historiadores em geral". (RODRIGUES, 1982, p. 100)

Concomitante aos trabalhos que levaram José Honório Rodrigues a representar o papel de Capistrano de Abreu na historiografia brasileira como proeminente, o autor também se dedicou de uma forma especial à edição da obra de Capistrano, bem como às atividades da Sociedade Capistrano de Abreu. São esses aspectos que serão discutidos a seguir.

III.

Na fase inicial da Sociedade Capistrano de Abreu, entre os anos 30 e 40, prevaleceu uma visão coletiva de Capistrano de Abreu constituída a partir das narrativas dos “sócios fundadores” da instituição, aspecto que pode ser observado através da análise dos livros de atas das reuniões do grêmio. Existia nos discursos dos sócios fundadores da instituição, como Paulo Prado, Afonso de Taunay, Roquete Pinto, João Pandiá Calógeras e outros, uma confluência de posicionamentos, na qual Capistrano de Abreu era lembrado como um paradigma da historiografia brasileira, o “mestre” dos estudos históricos, geográficos e etnográficos. Ou seja, uma unidade nos discursos, porém construída pelo coletivo. Recompondo as redes de sociabilidades tecidas entre os sócios da instituição e o epistolário da Sociedade, percebemos que o objetivo de construir a memória de Capistrano dirimia os conflitos internos ao grupo, apesar de alguns sócios terem adquirido um maior capital simbólico em decorrência desse culto a Capistrano do que outros, como foram os casos de Paulo Prado, Afonso de Taunay, Roquete Pinto e Rodolfo Garcia.¹³

Durante a década de 1950, com as comemorações do centenário de nascimento de Capistrano de Abreu em 1953, observamos o início de um processo que levou à obliteração dos discursos do que chamamos “sócios fundadores” e a proeminência pública da visão de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu, que se consolidaria apenas nos anos finais da instituição, no fim da década de 60, culminando com o fim do grêmio em 1969. Contudo, analisando as atas das reuniões da sociedade, percebemos uma série de conflitos entre José Honório Rodrigues e os remanescentes dos “sócios fundadores” da instituição, como: Jayme Coelho, Manuel Said Ali Ida, Afonso de Taunay, Roquete Pinto e Cândido Rondon. O que concluímos foi que apesar da produção historiográfica, inclusive contemporânea, ter naturalizado a figura de José Honório Rodrigues como “guardião da memória” de Capistrano de Abreu, como propõe Rebeca Gontijo (GONTIJO, 2006), essa relação dentro da Sociedade Capistrano de Abreu foi permeada por disputas institucionais, que só puderam emergir através da crítica de seu arquivo, pois restringindo a análise apenas à obra publicada de José Honório Rodrigues, caímos nas malhas da memória que o historiador buscou construir para si. Esse aspecto é relevante inclusive para a

¹³ Uma amostragem desses discursos encontra-se disponível no Boletim do Museu Nacional, ver Sociedade Capistrano de Abreu. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 4, n.1, 1928. Além disso, a imprensa foi um significativo meio de propagação desses discursos e representações de si dos sócios da Sociedade Capistrano de Abreu como discípulos de Capistrano e continuadores de sua tradição historiográfica: PAULO PRADO 2004; PINTO 1927; 1953; TAUNAY 1953a,b,c.

análise da correspondência de Capistrano de Abreu publicada por José Honório Rodrigues, pois o historiador somente tornou públicas as missivas que não se encontravam sob a guarda da Sociedade, apesar de estar na presidência da instituição, visto que o grêmio detinha a exclusividade legal e simbólica da publicação da obra de Capistrano. Acreditamos que dois aspectos fomentavam essa relação conflituosa de José Honório com os “sócios fundadores” da Sociedade: as divergências quanto à compreensão da função social da memória de Capistrano de Abreu e a edição da sua obra.

Os “sócios fundadores” e José Honório Rodrigues, apesar de terem como referencial a filiação a uma mesma instituição, levados pela dinâmica da memória, possuíam formas distintas de se relacionar com a memória de Capistrano de Abreu. Podemos entender que os sócios fundadores da Sociedade viam a memória histórica de Capistrano de Abreu como “âncora”. Segundo Hugo Lovisolo, a memória enquanto âncora “possibilita que diante do turbilhão da mudança e da modernidade, não nos desmanchemos no ar” (LOVISOLO, 1989, p. 16). Ou seja, para os sócios fundadores da Sociedade o que estava em jogo e o que os mobilizava era a perspectiva de construir uma tradição que os legitimasse, enquanto representantes e continuadores de uma escrita da História da qual Capistrano era o precursor. Nas narrativas dos sócios fundadores prevalecia o discurso encomiástico.

95

No caso de José Honório Rodrigues, a memória histórica de Capistrano de Abreu pode ser percebida como “plataforma”, o que para Lovisolo, “permite que nos lancemos para o futuro com os pés solidamente plantados no passado criado, recriado ou inventado como tradição. Esta, por sua vez, toma o sentido de resistência e transformação” (LOVISOLO 1989, p. 16). Será esta relação de plataforma que buscaremos apresentar. Para isso retornaremos ao ensaio inicialmente citado que José Honório escreveu sobre Capistrano de Abreu na Revista do Brasil.

O ensaio crítico foi motivado pela publicação da 3ª série dos *Ensaio e Estudos* de Capistrano, organizada e publicada em 1938 pela Sociedade (RODRIGUES 1939). O início do ensaio parece-nos demonstrar as perspectivas que norteariam as análises críticas do autor sobre Capistrano, e também revela os aspectos que diferenciariam a sua análise da dos sócios fundadores da instituição.

O que Rodrigues propõe discutir no ensaio é a formação de Capistrano de Abreu, especificamente “a unidade de pensamento” do autor. Porém, essa unidade de pensamento tem para Rodrigues um significado diverso do que os sócios fundadores entendiam como unidade. Para Rodrigues, a unidade de Capistrano seria a forma com a qual o historiador lidou com diversas matrizes teóricas durante a sua atividade historiográfica, e mesmo assim, suas afirmações não foram contraditórias. Na perspectiva de Rodrigues, Capistrano soube depurar as teorias da história e sociológicas que teve acesso; e o “autodidatismo” do autor dos *Capítulos de História Colonial* não teria resultado em uma combinação esdrúxula e desconexa de ideias.

Nesse ponto já se apresentava a principal perspectiva das análises de Rodrigues sobre Capistrano. A produção intelectual do historiador não é mais entendida como algo inato, fruto de sua genialidade, o que em grande medida caracterizava o que seria a “unidade de Capistrano” para os sócios fundadores da instituição. Rodrigues passa a inserir o autor em tradições teóricas de escrita da História. Para Rodrigues, a análise da produção intelectual de Capistrano de Abreu não poderia ser completa se esta se restringisse apenas aos textos produzidos pelo historiador, sua produção deveria ser colocada em diálogo com outros textos, percebendo as heranças e contribuições que estes trabalhos trouxeram ao autor. José Honório apresenta a possibilidade de observar Capistrano de Abreu através da sua formação intelectual.

Para os sócios fundadores da Sociedade, a genialidade de Capistrano de Abreu era um dos aspectos fundamentais nas construções póstumas do autor, principalmente porque para eles a genialidade do “mestre” representaria a genialidade dos “discípulos” e continuadores de sua obra. Com esta declaração não estamos afirmando que José Honório Rodrigues se despreendeu da categoria de gênio para caracterizar Capistrano de Abreu, mas que essa genialidade passou a ser entendida como um processo de formação intelectual. Para Rodrigues:

Não vacila o pensamento de Capistrano de Abreu quando discute qualquer idéia; ele segue sempre a mesma disciplina intelectual, a mesma doutrina que o seu espírito curioso e indagador aceitou como a mais verdadeira. Essa a razão da profunda admiração que lhe tributamos. Homenagem grata merece o nosso maior historiador, porque nunca se limitou a vasculhar tão somente documentos ou manuscritos; ele arejou todas as disputas históricas com um pouco de sua fina intuição psicológica, da crítica sociológica de sua época, e das correntes etnológicas que disputavam o pensamento do período de sua vida (RODRIGUES 1939, p. 57).

96

José Honório, assim como os sócios fundadores, também entende e constrói a imagem de Capistrano como a do “maior historiador brasileiro”. Contudo, Capistrano seria o maior para Rodrigues não pela sua genialidade inata, mas sim pelas leituras que fez, pela sua formação, e principalmente, por aliar a teoria à História – teoria sugerida pela leitura de outros autores.¹⁴

O que se pôde perceber foi o antagonismo de olhares entre aquele – José Honório Rodrigues – que se representa como um crítico com o deliberado desejo de analisar o autor em questão, e aqueles – sócios fundadores – que ao abordarem a obra do “mestre” – denominação que já prevê uma hierarquia – agiam com parcimônia nas observações realizadas. Afinal, para os “sócios fundadores”, questionar os procedimentos de Capistrano de Abreu enquanto historiador significava por em xeque os seus lugares sociais privilegiados no espaço letrado e os seus próprios métodos historiográficos.

¹⁴ Pensando na produção historiográfica brasileira neste período, podemos demarcar que a instauração dos cursos universitários promoveu uma mudança na própria abordagem histórica e nos objetos de pesquisa. Cada vez mais, o discurso histórico passou a ser objeto da disciplina história em um exercício de autoreflexão, e José Honório Rodrigues é lembrado constantemente como um dos autores referenciais nesta seara dos estudos de historiografia. Caberia ao crítico historiográfico depurar os procedimentos de escrita da história. (GUIMARÃES 2005).

Nesse ponto apresenta-se uma segunda característica das considerações de Rodrigues sobre a produção de Capistrano e que o distanciava dos sócios fundadores da sociedade. Rodrigues não escrevia para reafirmar as posições de Capistrano, mas sim para dialogar com estas e muitas vezes realizar oposições. Podemos acompanhar esse exercício crítico nos comentários de Rodrigues sobre o artigo *História Pátria*, presente na 3ª série dos *Ensaio e Estudos* (ABREU 1976, p. 103-124). O autor chama atenção ao uso que Capistrano de Abreu fez da psicologia. Rodrigues aborda a análise de Capistrano de Abreu referente à “consciência de inferioridade” que definiu o caráter da população brasileira no período colonial em relação à metrópole, o que, para o autor dos *Capítulos de História Colonial*, seria ausente na população pernambucana, sendo este o fator causal das freqüentes insurreições e revoltas nesta capitania durante o século XVIII e XIX contra a ordem estabelecida.

Rodrigues traz inúmeros autores, que, segundo ele, emitem considerações débeis e facilmente destrutíveis sobre esse caráter particular do povo pernambucano. E apesar de não inserir a explicação de Capistrano dentre estes autores, considera que a atribuição feita por ele à ausência da “consciência de inferioridade” dos pernambucanos como fator causal é algo que deve ser questionado, como podemos perceber no fragmento:

97

Para nós, a rebeldia pernambucana, se quisermos lobrigá-la tão longe, estaria na necessidade de bem estar material que experimentá-la o povo na época holandesa. Ainda nesse ponto concordariam conosco os antropólogos sociais se mostrássemos que o contato cultural de ordem material (ergológico, diria Montandon) imprimira este padrão mais alto de vida que sonogado pelas más administrações portuguesas provocará a luta com essa finalidade. Naturalmente mascarada com a feição ideológica que embeleza as revoluções econômicas. O fato, no entanto, é que Capistrano nos fornece uma interpretação bem interessante e fortalecida por intuição psicológica verdadeiramente penetrante [...]. É essa, sem dúvida, uma outra explicação interessante e merecedora de reflexão (RODRIGUES, 1939).

Rodrigues segue o texto desconstruindo as interpretações dos autores, tendo como principal suporte a eferescente antropologia cultural do início do século XX. Contudo, ao analisar Capistrano de Abreu, Rodrigues também desconstrói a sua perspectiva, todavia, respeita o seu lugar de maior historiador brasileiro. Percebemos que a relação estabelecida por Rodrigues com Capistrano será a de “aperfeiçoamento” da obra do “mestre”. O analista passa então a expor todo o corpus de leitura que o faz capaz de dialogar com então “mestre” e de muitas vezes chegar a uma conclusão diversa. O texto de Capistrano aparece como necessário, porém não surge como limitador, e sim instigador de questionamentos. Ele não deveria ser tomado como modelo, mas sim como uma matriz iniciadora de novos problemas. Esse aspecto pode ser novamente observado no trecho no qual Rodrigues discute a seguinte afirmação de Capistrano: “o que houver de diverso entre o brasileiro e o europeu atribuo em máxima parte ao elemento clima e ao indígena. Sem negar a ação do elemento africano, penso que ela é menor que a dos dois fatores, tomados isoladamente

ou em conjunção” (ABREU Apud RODRIGUES 1939, p.62). Rodrigues, então, mais uma vez se nutre de leituras contemporâneas para rebater as afirmações de Capistrano. Dessa vez, Gilberto Freyre aparece como seu principal interlocutor e *Casa Grande & Senzala (1933)* como o estudo que desconstruiria a interpretação de Capistrano. Rodrigues fez a seguinte afirmação:

Em *Casa Grande & Senzala* pode-se ter uma síntese e mesmo uma análise das influências negras e índias. Não pode haver dúvida de que Capistrano errava quando dizia referindo-se aos tupinambás: “Assim representavam o termo de evolução a que os portugueses e africanos tendiam a cada progresso que fazia a aclimação das raças vindicas, era um passo que os aproximava dos caboclos”. (RODRIGUES 1939, p.63)

Este foi o recurso utilizado por Rodrigues em todo o ensaio, afirmava as posições de Capistrano, e a partir de uma bibliografia que lhe era contemporânea realizava novas conclusões, mas sempre reservando o lugar privilegiado de Capistrano na historiografia brasileira. Esse recurso não se limitou apenas a este artigo. Contudo, conforme foi observado pela historiografia, existia no projeto historiográfico de Rodrigues um anseio do autor em construir um lugar para si no cânone historiográfico nacional, ao lado das obras e autores consagrados em sua crítica. (RODRIGUES 1988; MARQUES 2000; GONTIJO 2006).

Essa intencionalidade de se estabelecer no campo letrado como um sucessor, aprimorando a produção historiográfica de Capistrano de Abreu, aparece de uma forma mais evidente durante as comemorações do centenário de nascimento do historiador, em 1953. José Honório Rodrigues publicou parte da correspondência do autor – como informamos, as que não estavam sob a guarda da sociedade – e realizou as anotações do principal livro de Capistrano de Abreu, os *Capítulos de história Colonial*, em uma edição comemorativa da Sociedade em parceria com o Instituto Nacional do Livro. (RODRIGUES 1954, p. 5-40)¹⁵

Segundo o livro de atas da instituição, a publicação da edição anotada dos *Capítulos* foi preparada por mais de cinco anos por José Honório, até que na 28ª assembléia da Sociedade foram finalmente aprovadas as anotações ao texto, que passaram por um minucioso exercício de crítica por parte de outros sócios da instituição.¹⁶ Essa foi uma importante conquista para José Honório, pois a partir de então, os livros de Capistrano de Abreu passaram a ser introduzidos pelo autor, e os prefácios e notas introdutórias passaram a ser espaços privilegiados para que José Honório Rodrigues, utilizando um discurso que aparentemente se mostrava isento e imparcial, pudesse também construir

¹⁵ O Instituto do Ceará tem sob sua guarda aproximadamente 500 missivas de Capistrano de Abreu e 300 missivas da Sociedade Capistrano de Abreu ainda inéditas. Acreditamos que a consulta ao referido arquivo é imprescindível a qualquer trabalho dedicado à prática epistolar e historiográfica de Capistrano de Abreu, bem como aos estudos sobre a construção da sua memória. A consulta a este arquivo possibilita que os pesquisadores observem a memória histórica de Capistrano através de outras narrativas concorrentes a de José Honório Rodrigues.

¹⁶ Ata da 28ª Assembléia Geral, Livro de atas n.1, 23 out. 1953.

o seu lugar social através dos ritos memorialísticos de Capistrano de Abreu.

A conquista também foi expressiva, porque José Honório conseguiu romper com a exclusividade da Sociedade Capistrano de Abreu na publicação da obra de Capistrano, tanto pelo apoio do Instituto Nacional do Livro, conseguido pelo autor, quanto pela própria edição do livro. As edições realizadas pelos "sócios fundadores" não saíam acompanhadas de prefácios. O objetivo era manter a integridade do texto. Os acréscimos realizados às edições eram expostos ao seu final, onde eram apresentados os membros da atual Comissão Executiva da Sociedade a relação dos sócios que compunham o quadro social da instituição, os estatutos e uma seção reservada às homenagens póstumas aos sócios falecidos nos anos sociais entre os intervalos das publicações.

O que podemos concluir observando estas publicações era a existência de uma hierarquia simbólica entre os "sócios fundadores" da Sociedade para com Capistrano de Abreu, que não permitia que estes emitissem diagnósticos "críticos" a respeito da obra. Para eles, o que parecia mais apropriado seria lembrar as qualidades intelectuais do autor sem o exercício de crítica. Contudo, na compreensão dos sócios da instituição, diante de uma publicação de luxo, com papel especial, fotografia de Capistrano de Abreu e organizada por uma Sociedade com seu nome, seria redundante a realização de mais elogios.

Já os prefácios e notas de José Honório Rodrigues possuíam um duplo objetivo na intenção de construir a sua própria memória. O primeiro aspecto era a necessidade de legitimar sua posição como representante do "culto" institucional a Capistrano de Abreu, aspecto recorrente mesmo nos prefácios posteriores ao fim da Sociedade, em 1969. Quanto a este aspecto, são representativos o prefácio à edição do livro *Capítulos de História Colonial*, em 1954, e a nota liminar à 2ª edição do volume 2 dos *Ensaio e Estudos*, em 1975.

Ao comentar sobre o trabalho de edição dos *Capítulos*, José Honório Rodrigues aponta erros ocorridos nas edições anteriores da obra, afirmando que a edição organizada por ele "é rigorosamente fiel à 1ª edição, a única publicada em vida do autor e revista por ele e seu amigo Manuel Said Ali Ida, falecido este ano". (RODRIGUES 1954, p.5) Assim, José Honório demonstra o apuro com que teria realizado o trabalho, gerando uma oposição em relação às edições realizada pelos "sócios fundadores". A imagem que o autor tenta transmitir é a de que a edição revista por ele estaria mais próxima ao texto original de Capistrano de Abreu. Na seqüência do texto, José Honório é objetivo ao afirmar que:

A 2ª (edição) em 1928 e a 3ª (edição) em 1934 não foram revisadas pelo autor, falecido em 1927, e como esta ocorreram sob os auspícios da Sociedade Capistrano de Abreu. Infelizmente, acumularam-se enganos e omissões de origem tipográfica e pequenas modificações introduzidas pelos revisores das edições de 1928 e 1934, como se poderá observar nas notas que seguem no texto. De modo geral pode-se dizer que esta 4ª edição obedece a uma única norma: a fidelidade rigorosa ao texto da 1ª [...]. (RODRIGUES 1954, p.5)

De fato, as notas realizadas pelo autor buscaram a precisão na correção das informações com base na primeira edição, reparando cada informação através de comparações dos textos nas três edições, 1907, 1928 e 1934. São exemplos: na 3ª edição (p. 10 omitiu-se o trecho “o cabo de Orange, limite com a Guiana Francesa”; Na 2ª edição (p. 20) e na 3ª (p.12) foi retirada a expressão “depois de finado”, 1ª edição p. 11 (RODRIGUES 1954, p. 220). Outras críticas foram direcionadas à gestão anterior da Sociedade, como o autor apontou na nota liminar anteriormente citada, na qual ele deixa explícito o declínio que tomava a instituição quando da sua entrada no quadro social (RODRIGUES 1975, p.10).

O segundo objetivo era a construção de uma memória para Capistrano de Abreu dentro das novas exigências do discurso da crítica historiográfica, e a sua própria representação como um historiador pioneiro nesta área, colocando-se como precursor dos estudos de historiografia brasileira. Para ilustrar este aspecto, dois textos aparecem como significativos, as anotações ao livro *Capítulos de História Colonial*, e a introdução realizada para a edição da correspondência de Capistrano de Abreu, cujo principal texto foi *Capistrano de Abreu e a historiografia Brasileira*.¹⁷

Nas anotações, José Honório Rodrigues questiona o fato de Capistrano de Abreu ter negligenciado a anotação de seu principal livro, visto que, o autor é comumente lembrado pelas anotações à *História Geral do Brasil* de Varnhagen (OLIVEIRA 2006). De fato, o questionamento a respeito da falta de notas é plausível, principalmente porque a apresentação de referências bibliográficas e documentais era percebida no século XIX como uma das principais ferramentas do ofício do historiador moderno. A crítica das fontes era o componente mais relevante desta prática, e as notas de rodapé eram o lugar reservado para a exposição do aparato crítico do historiador, procedimento que buscava garantir a legitimidade científica da narrativa (ARAÚJO, 1998; GRAFTON, 1998). Assim afirma Rodrigues:

Os textos citados sem indicação de procedência, num autor como Capistrano de Abreu, que no mesmo ano da 1ª edição destes Capítulos (1907) publicava uma edição anotada do 1º volume da História Geral do Brasil de Varnhagen, atualizando-a e revelando a origem das informações, mostram que só razões muito fortes o teriam levado a não fazer a indicação de fontes neste livro. Ele não tinha dúvida sobre a necessidade imprescindível de obedecer a esta regra metodológica. (RODRIGUES 1954, p.6)

No segmento do texto, Rodrigues emite sua opinião sobre a ausência das notas:

A pressa na encomenda, a rapidez com que teve de elaborar em um ano estes Capítulos e especialmente o limite de 120 páginas imposto pelo editor – e Capistrano escreveu 300 – o impediram de cumprir uma obrigação

¹⁷ O texto introdutório a publicação da correspondência foi originalmente uma conferência do Curso Capistrano de Abreu promovido pelo IHGB em homenagem ao centenário do historiador em 1953. Sobre o Curso Capistrano de Abreu, ver GONTIJO 2006.

a que se sentia consciente e moralmente ligado. Só isto explica a falta das citações e só isto justifica as notas agora apostas no fim, para mostrar as fontes utilizadas. (RODRIGUES, 1954, p.7)

José Honório enfatiza as contingências não favoráveis em que foram editados os *Capítulos de História Colonial*, se apresentado como aquele que irá reparar a falta de cunho metodológico cometida por Capistrano, ressaltando que esta falta não teria sido empreendida pelo historiador por ignorância metodológica, mas por motivos alheios ao mundo dos historiadores. Nos trechos anteriores, fica evidente a necessidade de uma justificativa teórico-metodológica que abonasse o trabalho até então evitado pela Sociedade de anotar os *Capítulos*. Então, José Honório Rodrigues recorre a uma citação de Capistrano de Abreu para evocar o historiador prussiano Leopold von Ranke e apresentar a narrativa historiográfica como necessariamente tributária da *crítica histórica* desenvolvida por este no século XIX, amparando suas anotações nesta tradição de escrita.¹⁸

As notas foram inseridas no fim do livro e são de três tipos: notas de correção da edição, anteriormente caracterizadas; notas de referência, ou seja, notas que buscariam recompor a autoria e localização de trechos de documentos, autores e obras citadas no livro; e por fim, as notas de correção de Capistrano de Abreu.

As notas de correção do próprio historiador são a expressão de maior ousadia de José Honório Rodrigues, pois tinham o fim deliberado de realizar reparos no texto de Capistrano e corrigir informações equivocadas. A edição dos *Capítulos* com estas notas são significativas para o entendimento das mudanças ocorridas quanto à representação e recepção de Capistrano de Abreu no campo historiográfico. A quebra da "aura" do texto de Capistrano demonstra que o campo historiográfico na década de 50 se organizava em torno de outras questões, outras referências teóricas e outras formas de disposição. Para José Honório Rodrigues, assim como para a crítica dos anos 50, a produção de Capistrano não era mais observada como canônica e portadora de uma sacralidade que inibia até a introdução de prefácios, mas sim, como um texto que poderia ser anotado e criticado. Os *Capítulos de História Colonial* passaram de modelo e referência a objeto da crítica historiográfica.

A edição dos *Capítulos* com as notas de José Honório também é relevante para se perceber as mudanças na própria Sociedade. Pois, apesar de apresentar-se como díspar das edições até então realizadas pela instituição, também foi financiada por esta.

A abertura à crítica propiciada pelos trabalhos de José Honório se reforça na medida em que ele propõe chaves de leitura para a obra de Capistrano de Abreu. Esse aspecto pode ser observado no mesmo prefácio aos *Capítulos* no

¹⁸ O trecho transcrito por Rodrigues pertence a uma carta enviada por Capistrano de Abreu ao Barão de Studart em 20 de abril de 1904, cito: "Por que motivo, portanto, te insurges contra uma obrigação a que se sujeitam todos os historiadores, principalmente desde que com os estudos arquivais, com a criação da crítica histórica, com a crítica de fontes criada por Leopold Von Ranke, foi renovada a fisionomia da história?" (ABREU apud. RODRIGUES 1954, p. 6)

tópico “*A significação dos Capítulos*” e na introdução à publicação da correspondência do autor. Capistrano de Abreu passa a receber nestes textos categorias como positivista, metódico, evolucionista, cientificista e historicista, buscando reconstruir as mudanças na sua prática historiográfica (RODRIGUES 1977, p. XXVII-LVI).

O que podemos concluir é que, através das anotações e prefácios à obra de Capistrano de Abreu, José Honório Rodrigues funda o seu lugar social na historiografia brasileira como um crítico, e transforma muitos de seus textos em verdadeiras notas de rodapé às citações de Capistrano. Constitui-se como uma voz autorizada a criar conceituações e definições sobre Capistrano de Abreu, que marcariam os lugares de Capistrano e do próprio José Honório Rodrigues na memória disciplinar da historiografia brasileira.

As representações de José Honório Rodrigues sobre a obra de Capistrano de Abreu também mereceram destaque, porque nelas encontramos muitas das definições e análises que posteriormente foram realizadas sobre o autor dos *Capítulos de História Colonial*.

Bibliografia

I. Fontes documentais:

Localização: Arquivo da Sociedade Capistrano de Abreu depositado no Instituto do Ceará (Histórico Geográfico e Antropológico), Fortaleza, CE.

Anteprojeto de estatutos para Comissão Nacional de História. Sub-fundo Documentação Administrativa da Sociedade Capistrano de Abreu. pac.4, doc.124.

Livro de Atas da Sociedade Capistrano de Abreu (1927-1969). Sub-fundo Documentação Administrativa da Sociedade Capistrano de Abreu. pac. 1, doc. 1.

Indicação para a criação da Comissão Nacional de História. 11 set. 1954. Sub-fundo Documentação Administrativa da Sociedade Capistrano de Abreu. pac.4, doc.123.

Proposta para a programação do 1º Encontro Nacional de História. Sub-fundo Documentação Administrativa da Sociedade Capistrano de Abreu. pac.4, doc.125.

II. Obras de José Honório Rodrigues:

RODRIGUES, José Honório; RIBEIRO, Joaquim. *Civilização Holandesa no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940.

- RODRIGUES, José Honório. Capistrano de Abreu. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, a.2, n.9, mar. fase 3, p.56-63,1939.
- _____. *Historiografia e Bibliografia do domínio Holandês no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1949.
- _____. Capistrano de Abreu. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 out. 1953. p.3.
- _____. Explicação. Notas a 4ª edição. In. ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. 4 ed. 1ª edição 1907: 2ª edição 1928: 3ª edição 1934. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/Briguiet & Cia, 1954. p. 5-40.
- _____. *Historiografia del Brasil, siglo XVII*. México: Comision de Historia del Instituto Panamericano de Geografia e Historia, 1963.
- _____. Nota Liminar. In. ABREU, João Capistrano de. *Ensaios e Estudos*. 2ª Série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975, p. X.
- _____. Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira. In. ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu, volume I*. 2 ed. 1 edição: 1954. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. XXXVII-LVI.
- _____. *Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)*. 5 ed. [1ª edição 1949] São Paulo: Ed. Nacional, 1978 a.
- _____. *História da História do Brasil*. A Historiografia Conservadora. volume 2. São Paulo: Ed. Nacional, 1978 b.
- _____. *História da História do Brasil*. Historiografia Colonial. volume 1. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- _____. *A pesquisa histórica no Brasil*. 4 ed. [1ª edição 1952]. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.
- _____. *História da História do Brasil*. A metafísica do latifúndio: o ultra-reacionário Oliveira Viana. volume 2. tomo 2. São Paulo: Ed. Nacional, 1988.
- _____. *Correspondência de José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro: ABL, 2000.
- _____. *Nova Correspondência de José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro: ABL, 2004.

III. Obras de Capistrano de Abreu

- ABREU, João Capistrano de. Três séculos depois. In. _____. *Capítulos de História Colonial*. 6 ed. [1ª edição 1907]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL, 1976, p.189-213.
- ABREU, João Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. In. _____. *Ensaios e Estudos: crítica e história*, 1ª série. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; INL, 1975, p. 90.

ABREU, João Capistrano de. História Pátria. In. _____. *Ensaio e Estudos: crítica e história. 3ª Série*. 2 ed. [1ª edição 1938] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p.103-124.

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. 4 ed. 1ª edição 1907: 2ª edição 1928: 3ª edição 1934. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu; Briguiet & Cia, 1954.

VI. Obras gerais:

AMED, Fernando. As edições das obras de Capistrano de Abreu. *História: questões & debates*. Curitiba, n.32, p.99-117, 2000.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. História e narrativa. In. MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). *Ler e Escrever para Contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998. p. 221-258.

BAPTISTA, Abel Barros. O Cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido. In. *O livro Agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 41-82.

CROCE, Benedetto. *La Storia: come pensiero e come azione*. Laterza, 1973.

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. Tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: Tese defendida no Programa de pós-graduação em história da Universidade Federal Fluminense, 2006.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição. Pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas: Papirus, 1998.

GUIMARÃES, Lúcia. Circulação de saberes, sociabilidades e linhagens historiográficas: dois Congressos de História Nacional (1914-1949). In. GUIMARÃES, Manoel Salgado. (org.) *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p.162-181.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. Historiografia e Cultura Histórica: notas para um debate. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.11, n.1, p.32, jan/jun. 2005.

IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, p.55-78, 1988.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 16.

- MARQUES, Ana Luiza. *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da História do Brasil*. Dissertação de Mestrado PUC/RJ, 2000.
- NOIRIEL, Gerard. L'Univers Historique: une collection d'histoire à travers son paratexte (1970-1993). *Gêneses*. n.18, 1995. pp. 110-131.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Porto Alegre, Dissertação em História/UFRGS, 2006.
- PINTO, Edgard Roquete. Bilhetes Brancos: Capistrano de Abreu. *Diário Nacional*, São Paulo, 17 ago. 1927.
- _____. Capistrano de Abreu. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 out. 1953. 1ª seção, p.4.
- PRADO, Paulo. "Capistrano". In. *Paulística, etc.* 4 ed. Reeditado por Carlos Augusto CALIL. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RAMOS, Francisco Régis. Objetos biográficos e biografados. In. _____. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004, p. 105-127.
- SILVA, Ítala Byanca M. da. *Les morts vont vite: a Sociedade Capistrano de Abreu e a construção da memória de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969)*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, 2008.
- TAUNAY, Afonso. Capistrano de Abreu I. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 24 out. 1953a, p. 4.
- _____. Capistrano de Abreu II. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 25 out. 1953b, p. 2.
- _____. Capistrano de Abreu. *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 out. 1953c, p.4.
- TOYNBEE, Arnold J. La relatividad del pensamiento histórico. In. _____. *Estudio de la Historia*. volume 1. Buenos Aires: Emecé Editores, 1978.